

JULIANA GRAGNANI  
DE SÃO PAULO

O coronel Kenji Konishi, 51, sabe que parte dos alunos da USP (Universidade de São Paulo) rejeita a presença da Polícia Militar na Cidade Universitária. “Nosso maior desafio é fazer com que a comunidade nos aceite”, diz ele, sobre a proposta de implementar um modelo de polícia comunitária na universidade.

Hoje, há 180 bases de policiamento comunitário no Estado de São Paulo —cerca de 3.000 PMs, segundo o coronel, trabalham com o modelo, implantado em 2005. Desde o início do ano, Kenji é diretor da Polícia Comunitária e de Direitos Humanos da PM.

Inspirado num programa japonês, o mecanismo prevê uma base física, o Koban, e uma ação mais preventiva e envolvida com a comunidade. A proposta desse modelo para a USP ainda será apresentada a professores.

Kenji disse que a polícia não irá interferir em manifestações na universidade, mas afirmou que alunos encontrados com drogas serão abordados —a PM deve ser amiga do aluno, não do infrator, disse ele à reportagem.

★

**Folha - O que é a polícia comunitária e o sistema Koban?**

Coronel Kenji Konishi - O sistema Koban fixa o mesmo PM numa determinada região. Esse policial inicia seu patrulhamento a partir de uma instalação física que no Japão é chamada Koban. É uma base de onde o PM sai para fazer visitas, palestras, entrevistas. Ou seja, ele se inteira dos problemas da comunidade para dirigir seus esforços em prol da resolução deles.

**Por que esse modelo é a melhor solução para a USP?**

A PM sempre esteve presente na USP. O que falta são as ações de polícia comunitária que os policiais que lá estão precisam realizar. Isso nunca ocorreu, até por causa da rejeição que existe em relação à PM por parte de alguns segmentos. Nosso maior desafio é fazer com que a comunidade nos aceite.

**Como será a integração se existe essa rejeição?**

A rejeição não é da maioria da comunidade uspiana, é de alguns segmentos. Não é total. Se realizarmos uma pesquisa que envolva docentes, alunos e servidores, vamos com certeza chegar à conclusão de que a esmagadora maioria é favorável à presença da PM.

**E a integração com quem não é favorável?**

Aqueles que ainda têm essa rejeição em relação à PM têm que entender que os tempos são outros. A sociedade é outra, e a polícia é outra.

**Mas existe algum plano para fazer a aproximação com os**



O coronel Kenji Konishi, diretor da Polícia Comunitária da PM

Foto: Adriano Nuzi/Folhapress

ENTREVISTA KENJI KONISHI, 51

## PM na USP vai ser amigo do aluno, não do infrator

CORONEL QUE DIRIGE A POLÍCIA COMUNITÁRIA DIZ QUE AGENTE TERÁ QUE ATUAR SE FLAGRAR CONSUMO DE DROGAS NO CAMPUS

**segmentos que rejeitam a PM?**

É justamente o policiamento comunitário. Serão sempre os mesmos policiais que vão atuar na USP, [isso] gera uma relação de confiança. A nossa ideia é que a comunidade conheça o PM pelo nome.

**Qual será o perfil desses PMs?**

Estamos apostando na empatia. Pretendemos que as características desse PM sejam o mais próximas possível da comunidade, com mais ou menos a mesma idade dos alunos, que sejam universitários ou que tenham concluído o ensino superior.

**Quais são os pontos críticos da USP?**

A USP não é mais um local isolado em que só entram alunos, professores e servidores. A USP hoje é uma rota de passagem porque possui três portões de veículos e várias entradas de pedestres. A USP é margeada por uma comunidade carente. Muitos criminosos se aproveitam da



Brasão da Diretoria de Polícia Comunitária da PM

“ O PM, se vir qualquer ato que seja contrário à lei, por dever de ofício vai ter que adotar providências. Ele vai ter que fazer a abordagem

de tentar evitar por meio da presença ostensiva.

**Como vai ser a atuação da polícia comunitária em manifestações e greves na USP?**

A PM que vai trabalhar na USP de maneira alguma interferirá em manifestações. Se houver quebra da ordem e violência, quem fará a intervenção serão outros policiais.

O policial comunitário da USP tem que ser amigo da comunidade. E muitas vezes essa amizade vai fazer com que o policial não possa intervir, para que não crie uma animosidade, rejeição posterior.

**E quanto ao uso de drogas no campus?**

O PM já recebeu um treinamento para que utilize o princípio da oportunidade. Se for o momento mais adequado de tomar uma providência, ele assim o fará.

**Como assim?**

Dou um exemplo. Um PM vê de longe três veículos, e em cada porta de um veículo tem um criminoso com um fuzil. Há mais dez criminosos, todos armados, roubando um caixa eletrônico. Posso exigir que o PM faça uma intervenção? Não posso exigir.

No caso da USP, se um PM vir um aluno consumindo drogas e houver a possibilidade de fazer uma abordagem segura, sem que tanto policial quanto aluno sofram qualquer tipo de lesão ou qualquer tipo de comprometimento, ele vai fazer a abordagem. Se não, vai aguardar o momento mais oportuno.

**Que momento é inoportuno? Alunos da USP não costumam andar com fuzis.**

Nem todos os momentos são oportunos. O policial vai avaliar o momento mais oportuno e conveniente.

**Na prática, qual será o procedimento de um PM se encontrar um aluno fumando maconha na USP, por exemplo?**

O PM, se vir qualquer ato que seja contrário à lei, por dever de ofício vai ter que adotar providências. Ele vai ter que fazer a abordagem.

**E que momento é inoportuno?**

Se esse aluno está no meio de uma sala de aula, de repente não é o momento mais oportuno de ir lá, invadir a sala de aula, causar um pânico, porque esse aluno pode resistir... É verificar o local, a conveniência. O policial sempre vai ter o dever de agir.

**O sr. disse que o PM tem que chegar num ponto em que é considerado amigo do aluno... Como esse conceito vai funcionar nesses momentos?**

Amigo do aluno, não do infrator. Se ele constatar que no meio daquela comunidade existe um infrator, independentemente de essa pessoa pertencer à comunidade, ela tem que ser levada à presença da autoridade policial.

vulnerabilidade dessa comunidade para de lá partirem.

**Qual será a ação preventiva direcionada a esses dois pontos?**

A presença ostensiva, a integração com a guarda universitária, a aproximação da comunidade, orientações junto à prefeitura da USP naquilo que for da competência dela, como iluminação.

A USP é um local público. Em hipótese alguma pretendemos que ela restrinja a entrada. Mas podemos melhorar o controle de quem entra, através de um monitoramento por câmera, de um simples questionamento, como “podemos ajudar?” etc.

**Como casos de assédio e de estupro serão prevenidos?**

Muitas vezes a polícia não tem medidas diretas de prevenção ao assédio sexual. Isso tem que ser realizado com o auxílio da universidade. Agora, com casos de estupro que ocorrem no ambiente público, temos o dever e a capacidade